



Vias Augustas

Conquistado pelas tropas romanas nos finais do séc. I a.C., o território da actual região transmontana terá sido alvo de um processo de reordenamento em que os anteriores povoados fortificados foram romanizados ou abandonados, a auto-suficiência deu lugar a uma economia de mercado baseada no uso da moeda, na intensificação agro-pecuária e exploração da riqueza mineira, ao qual não terá sido alheia uma nova ordem social, política e religiosa.

Foi criada uma intensa rede viária, cujo eixo principal, nesta região, era a via que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica Augusta* (Astorga) por *Aquae Flaviae* (Chaves), tomando o sentido geral este-oeste, num total de 247 milhas, ao longo da qual existiram dezenas de miliários. O seu traçado percorre os actuais concelhos portugueses de Braga, Póvoa de Lanhoso, Vieira do Minho, Montalegre, Boticas, Chaves, Valpaços, Mirandela, Macedo de Cavaleiros, Vinhais e Bragança, entrando em território espanhol por terras de Zamora (Villardecervos, Santibáñez, Rosinos de Vidriales e Camarza de Tera) até Astorga, passando ainda pela comunidade leonesa de Castroalbón.

A esta via - a mais antiga do Noroeste peninsular conforme atestam os miliários do imperador Augusto, um dos quais encontrado na Torre Velha (Castro de Avelãs) - foi atribuído o número XVII num roteiro viário romano, o *Itinerário de Antonino*, elaborado no decurso do século III.

Esta via integrava uma vasta rede de comunicações, servida por estações intermediárias de apoio aos viajantes - *mansiones*, *mutationes*, *stationes* - que permitiria ligar qualquer ponto do Império à capital romana, justificando-se assim o ditado popular: *Todos os caminhos vão dar a Roma*.

Das vias, o que nos chegou foram, sobretudo, os traçados fossilizados na paisagem, alguns troços lajeados, algumas obras de arte lançadas sobre os rios e um conjunto significativo de miliários.

